



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — M. P. Marsick. — Liszt e os seus amigos de Londres. — Notas vagas.
— Concertos. — Noticiario. — Necrologia

M. P. Marsick

E' este um nome que completa brilhantemente a lista dos grandes violinistas belgas, em cujas fileiras se contam artistas como Beriot, Vieuxtemps, Léonard e actualmente o summo Ysaye.

Nasceu Martin-Pierre-Joseph Marsick em Jupille, perto de Liège, aos 9 de março de 1847.

Dizem que, quando creança, cantava nas igrejas de Liège os solos das missas de Beethoven, Weber e Mendelssohn, e que o fazia por tal fórma que accudia gente dos arredores para o ouvir. O certo é que, admittido como alumno do Conservatorio de Liège, ali trabalhou simultaneamente o orgão, o violino, o piano, a composição e a litteratura, decidindo-se por fim pelo violino, em que havia de ser um dos principaes *virtuosi* dos tempos modernos.

Completado o curso em Liège, foi enviado a expensas da princeza de Chimay para o Conservatorio de Bruxellas, onde trabalhou com

Léonard de 1865 a 1867. Esteve ainda no de Paris, como discipulo de Massart, em cuja classe obteve um primeiro premio em 1869, e tambem em Berlim aperfeicoando a sua arte sob as vistas do grande Joachim.

No fim da guerra franco-allema voltou a Paris e estreiou-se como solista nos concertos Padeloup, começando então a sua brilhante carreira de concertista, que a Europa e a America não tardaram em consagrar do modo o mais peremptorio.

Mas, ao contrario de todos os que buscam na musica um simples successo pessoal, quiz Marsick consagrar á musica de camara uma parte da sua actividade artistica e fundou com Colblain, Van Wae-felghem e Delsart um quartetto de cordas que, a partir de 1878, figurou innumeras vezes nos concertos da *Trompette*.

Durante 22 annos, áparte algumas interrupções motivadas pelas suas viagens artisticas, Marsick figura constantemente nos concertos Lemoine, concorrendo para a educação musical de um publico d'élite.

Em 1892, foi chamado o nosso artista á suc-



cessão de Massart, como professor do Conservatório de Paris. Foi das suas classes que sahiram Carl Flesch, Jacques Thibaud, Enesco, Juliette Laval, Oliveira e tantos outros, que são hoje celebridades.

Marsick deu a sua demissão do Conservatório em 1900 e esteve sete annos ausente da grande capital. Parece que foi uma paixão amorosa que o arrancou aos seus triumphos, tanto de mestre como de *virtuose*. Mas o seu amor pela grande arte não esfriou por isso e voltando a Paris, onde ainda vive, tem constantes occasiões de produzir-se n'uma e n'outra qualidade, e ainda como compositor, que o é de grande valia.

Sem falar nos seus tres *Concertos* de violino, hoje esquecidos, póde citar-se o seu *Poème de mai*, que tem sido singularmente apreciado nos concertos, e, como obra capital, um drama lyrico em 2 actos, *Le Puits*, que ainda não foi representado, mas em que o seu auctor funda as mais legitimas esperanças.

Para completar estas notas com todas as particularidades que nos são conhecidas sobre o illustre violinista belga, accrescentaremos que não é um partidario exclusivista dos antigos instrumentos da violaria classica. Possui um bello Amati, mas toca frequentemente em um instrumento moderno, de Kaul e Chenantais, que tambem aprecia muito. E' esse violino que figura na nossa gravura.



Liszt

e os seus amigos de Londres

Quando tocou pela primeira vez deante de um auditorio inglez, Liszt não tinha mais de 13 annos; era ainda o pequeno Liszt, o menino-prodigio. Depois do acolhimento favoravel dos athenienses de Paris, quiz suscitar o enthusiasmo d'um povo, lento a mover-se e a commover-se, sempre desejoso de obter e de conservar o que as cousas tem de melhor. O jovem emulo de Mozart foi festejado, aclamado pelo publico londrino; mas, com Mozart só lhe encontravam de commum o fantastico virtuosismo.

Ora o pequeno prodigio não tinha positivamente as algibeiras vazias e, como Mozart, já era mestre em composição. Mas apesar de se ter executado em Manchester uma *ouverture*, de sua recente composição, a Inglaterra parecia ignorar ou desdenhar este aspecto do seu genio. Tinham-lhe applicado a etiqueta de

virtuose e não havia meio de mudal-a. A presença de Erard, o celebre fabricante de pianos, ao lado do jovem pianista, que experimentava em publico um dos seus pianos, de modelo novo, fez tambem suppôr a muita gente que elle não seria talvez mais que um demonstrador prestigioso do... mecanismo d'escape duplo.

Ainda restava um pouco d'essa impressão quando em 1840 voltou a Londres o grande Liszt, já em plena gloria. As suas *tournées* triumphaes atravez do continente haviam excitado a curiosidade; mas a Inglaterra, que em firmando uma reputação o faz para todo o sempre, tem o cuidado de as discutir, chicanar até, antes de lhes conceder a definitiva consagração.

Assim, em 11 de maio de 1840, na *Philharmonic Society*, o publico applaudiu sem convicção e mesmo com uma certa surpresa e a critica... criticou por fórma um tanto rude. O romantismo hungaro de Liszt feriu as orellhas demasiado habituadas ás suavidades mendelssohnianas e não faltou quem se insurgisse em termos cuja nitidez não era nada lisongeira para o grande artista. Viu-se na sua interpretação uma «caricatura complicada», accusaram-o de fazer nos seus rythmos fantasticas cabriolas e chegaram a chamal-o, nada mais nem menos, que um *poseur* em delirio. Quanto á musica que elle executava, era, no dizer d'aquellas almas doces e delicadas, «uma combinação de sons horrendos e o menos artisticos que se podem ouvir em uma sala de concertos». Lá o diz, em letra redonda, o *Musical World* d'essa data.

Apesar d'isso, houve uma folha, o *Athenæum*, que era a esse tempo um dos jornaes litterarios mais ponderados e mais conservadores em materia d'arte, e tambem um dos mais considerados pela élite intellectual, que destacando-se n'aquelle ambiente pouco animador, publicou artigos em que o enthusiasmo mal contido do auctor sublinhava da maneira a mais feliz o genio de Liszt, «esse genio brilhante, malleavel, fantastico que sobreleva a todos os seus predecessores». Constatava o auctor que esse genio podia passar incomprehendido pelos criticos, mas os musicos accorriam em massa para o admirar: «The critics may not understand, but the musicians crowd to listen to him».

O grande publico, com effeito, parecia não fazer grande caso da critica e acotovellava-se para ir ouvir o grande concertista. E' conhecida a anedocta do velho inglez que, em um dos concertos da *Philharmonic*, preso da maior emoção pelo que acabava de lhe ouvir, correu para elle exclamando:—«It was worth more! it was worth more! (Isto valia mais). E estendia-lhe uma nota de banco, que Liszt, sem

mesmo sorrir d'essa falta de tacto, se deu pressa em guardar, porque, dizia elle mais tarde: — «teria offendido o bom do velho, se lhe tivesse orgulhosamente restituído o dinheiro».

Esse entusiasmo teve o seu echo nas columnas do *Athenæum*. Mas a parte mais interessante dos seus artigos é aquella em que o auctor, depois d'incensar o interprete, se refere ao compositor e á sua modestia: — «O ultimo trecho — porque Liszt faz passar todos os outros compositores adiante d'elle — era a sua propria *Marcha hungara*, e esta obra deixou o auditorio em um estado de espirito que não é vulgar nos frequentadores d'este genero d'espectaculos, isto é, no desejo de que o concerto se prolongasse».

No meio da hostilidade geral da critica, o louvôr não podia deixar de ser agradável ao grande musico. E de facto, entre o escriptor e o concertista não tardou que se estabelecessem relações, que pouco a pouco se transformaram em solida amizade.

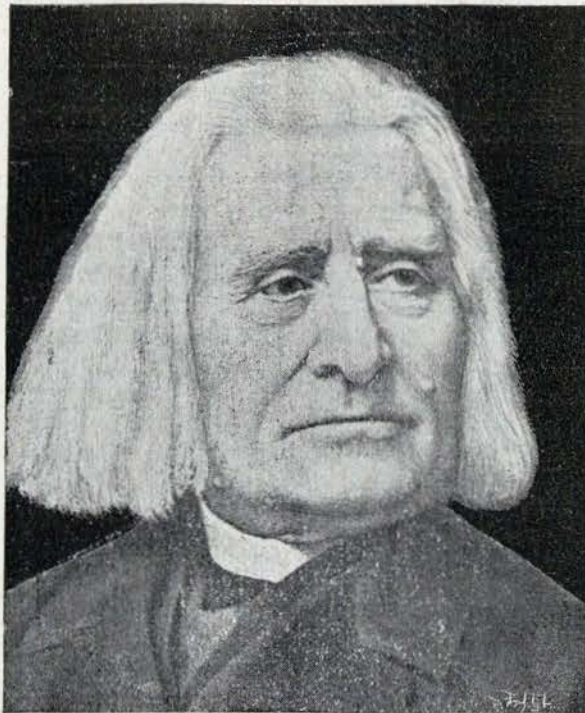
Havia uns dez annos que Henry F. Chorley, pois que esse era o nome do auctor dos artigos, escrevia no *Athenæum* as criticas de arte. No meio de uma critica corrupta por tradição, a integridade e franqueza do joven litterato valera-lhe uma justa notoriedade. Conta-se, na sua biographia, como elle *despachara* certo cavalheiro, de escrupulos elasticos, que visitando-o com o fim de conseguir um artigo laudatorio, lhe puzera bem em evidencia sobre o marmore do fogão um maço de notas de banco. Os seus principios artisticos nada cediam, em rigidez, á inteireza do seu character, mas tornou-se conhecido pela tenacidade do seu conservantismo. O culto que professava por Mendelssohn e por Chopin, seus amigos pessoases, cegou-o a ponto de não admittir os recenhegados — os Schumann e os Wagner. Olhava Berlioz com desconfiança e só o admirava em *certas cousas*, e sempre com reservas. Não concorreu pouco para impôr á musica ingleza essa camada mendelssohniana, de que ainda hoje está absolutamente inductada.

Mas tudo se lhe perdôa, quando se vê como soube admirar, comprehender e amar Franz Liszt, pianista e *compositor*!

A reputação de Chorley, como critico e como homem de letras, ultrapassou rapidamente as fronteiras britannicas. Os seus ensaios no conto, no romance e no drama valeram-lhe um logar honroso na litteratura ingleza. Em Paris vemol-o frequentar a sociedade legitimista, sob a egide do conde d'Orsay. Na Inglaterra, é o futuro Napoleão III que lhe pede a traducção das suas *Idées napoléoniennes*, e que, sem se molestar com uma recusa terminante, continua a manter com elle relações as mais cordeaes.

Visita assiduamente os Bowring, conta Moscheles entre os seus intimos. Mas para a posteridade, ficará sendo sempre o grande amigo de Charles Dickens, amigo fiel até á morte.

E' curioso lêr na sua *Autobiography* a narração da visita a Paulo de Kock, homem melancolico, bom pae e bom marido, no seu pequeno interior burguez. Segue-se de resto com prazer este observador judicioso e amavel em cada uma das visitas que elle faz a amigos illustres: e n'esse ponto os seus livros de critica constituem uma agradável mina d'informações.



Tanto n'elles, como nos seus romances e dramas, Chorley é um escriptor de summa delicadeza, a quem a banalidade e o logar commum repugnam ao ultimo extremo. Tinha alem d'isso aquella bravura critica, que faz dizer as cousas pelo seu nome e, com a influencia que exercia sobre os seus compatriotas, combateu ao lado de Liszt sem temer consequencias.

Assim é que orientou o espirito publico para as composições originaes de Liszt, enquanto Walter Bache, outro devotado, assumia a empreza, não menos ardua, de tornar conhecidas pela execução essas mesmas obras.

O pianista Walter Bache, que havia estudado primeiramente em Leipzig, tomou lições de Liszt em Roma, em 1862. O discipulo comprehendeu tão bem o mestre, que as suas relações depressa se transformaram em uma boa amizade, como succedia muitas vezes com Liszt — mesmo quando os alumnos não pertenciam ao

sexo fraco. Foi assim que Bache tomou conhecimento com muitas obras, que Liszt, demasiado occupado com as produções dos outros, nunca tinha tido occasião de fazer executar. Bache era uma natureza d'eleição. Compreendeu a grandeza de tantas obras ainda desconhecidas e tomou a peito a missão de as revelar na Inglaterra. Ora é elle proprio que lucha, no piano, contra uma multidão indifferente, ora, de batuta em punho, procura convencer o publico dos concertos symphonicos. Nada esfria o seu ardôr d'apostolo. Apesar da prosa inflammada de Chorley, o grande artista húngaro ia continuando a ser o pianista-prodigio, o *virtuose* colossal — e nada mais. Foi preciso repetir á saciedade a audição dos *Poèmes Symphoniques*, dos *Préludes*, do *Oiphée*, do *Tasso*, do *Mazeppa*, etc., para convencer a parte menos *snob* do publico de que Liszt era mais alguma cousa que um pianista. E o snobismo seguiu lentamente a corrente.

Foi ainda por iniciativa de Bache que se fundou na Academia de Musica de Londres um *premio Liszt*, como bolsa annual para musicos pobres.

No momento em que todo o mundo musical presta á memoria de Franz Liszt, compositor, a homenagem de uma admiração sem restricções, não vem fóra de proposito fixar o nome de Chorley e de Bache, como sendo o dos mais fervorosos campeões que o genial artista encontrou em Inglaterra.



Cartas a uma senhora

163.^a

De Lisboa.

Pois tambem eu lhe venho falar de Liszt.

Que quer, preciso fugir á realidade que é desoladora e triste e mergulhar no sonho que é alliciente e doce.

Ora até hoje ainda os melhores depositarios d'este são os artistas, os poetas, e Liszt foi uma e outra coisa. Simultaneamente soube ser tambem a mais bella alma e o mais delicado coração.

Todos lhe conhecem o genio creador e vasto, e poucos lhe ignorarão a vida tempestuosa e cheia, mas quantos, quantos não deixam ás vezes de fazer justiça completa aos levanta-

dos e generosos móbeis que inspiraram e conduziram essa vida, que no dizer d'um critico inglez, foi entre tantas obras primas saídas do seu talento, a obra prima suprema saída da sua consciencia!

Este pianista summo que a natureza já dotára com requisitos especiaes, dando-lhe mãos que até, no mero ponto de vista physico, eram sem rival e que uma gymnastica sábia e um estudo constante tornaram inegalaveis, logrou, pelas transcendentales qualidades do seu feitorio moral, constituir um exemplar, porventura unico, da coexistencia na mesma personalidade d'uma das mais poderosas forças ideativas forjadas no cadinho humano, e da mais excelsa e colossal bondade que d'esse cadinho poderia sair.

O genio é por via de regra absorvente e despotico, e se as obras que concebe fecundam e disseminam as sementes altruistas da belleza, da ternura, da sympathia, deve no emtanto affirmar-se sem exageros de rigorismo, que pela propria constituição insita, trabalha sobre motivos egoistas, embora d'um egoismo superior e nobre.

Todavia Liszt que a esta singular familia de predestinados invejaveis largamente pertenceu, soube, por um milagre de elevação psychica e de acuidade intellectual, conciliar as legitimas exigencias da sua riquissima organização esthetica com as multiplas preciosidades do seu encantador e opulento thesouro ethico.

E toda a longa estrada que no mundo percorreu está crivada de fulgentissimos pontos que são a luz de bellos actos e de magnanimos gestos.

E' sabida a historia da amisade incondicional que o ligou a Ricardo Wagner, que tudo lhe deveu: desde suggestões musicas até recursos monetarios, e convém accentuar que nem sempre o aliás immortal iniciador das modernas formulas do drama lyrico correspondeu á solicitude, á abnegação, ao carinho que Liszt, com uma paciencia inexgotavel, e um desinteresse a toda a prova, constantemente votou a tão terrivel e *desegual* amigo.

Não raro teve aquelle de interromper as suas excursões de concertista, e até os seus trabalhos de compositor para ir valer a esta irascivel e tyrannica creança grande que a miude era Wagner, e tudo isso Liszt o fez sempre com os sorrisos nos labios e a adoração nos olhos.

Envolve-se o companheiro em politica e não póde entrar em determinados pontos da Allemanha? E' Liszt que corre a interceder junto dos reinantes para não ser perseguido o revolucionario, e se lhe levante a interdicção imposta.

Desavem-se com empregarios, ou com editores, com artistas ou executantes? E' Liszt quem marcha a remover obstaculos, a limar

arestas, a derimir contendas, a harmonisar e apasiguar desavindos.

Trata-se de encher a bolsa insaciavel do genial gastador? E' ainda o infatigavel Liszt servidor do genio alheio, elle que o tinha proprio, quem vae de longada procurar os meios necessarios a fazer voltar o sorriso á physionomia momentaneamente obscurecida do maestro afflicto.

Finalmente, até nas luctas intimas da sua existencia affectiva, Wagner recorre ao amigo experimentado e fiel.

E sempre o velho confidente se encontra no seu posto, bastando que Wagner faça o minimo signal.

Era mister acaso atravessar um grande trato da Europa para ir ter com o destrambelhado martyr dos nervos em crises de desespero ou de desanimo? Liszt lá arranjava tempo e maneira de apparecer a consolar o genio apprehensivo e molestado, levando-lhe a paz, a alegria, o conforto, e já se sabe tambem em determinadas occasiões o dinheiro que Liszt acabava por exemplo de ganhar nos concertos em que se fizera ouvir.

E nunca uma palavra de censura, nunca um movimento de enfado, nunca um desabafo de humor!

Pelo contrario, vendo as impaciencias do musico em horas de cerebração intensa, ou as pequices do homem em minutos de rabugice grossa, Liszt creio que achava tudo isso tão natural e tão logico, que redobrava de cuidados e de affecto não fosse a *obra* grandiosa a que Wagner se estava consagrando soffrer na sua integridade Augusta ou na sua formosura diamantina.

Wagner apropriava-se claramente de um pensamento musical de Liszt, dizia-lh'o até com a inconsciencia peculiar do genio? Pois o grande pianista, que afinal era tambem um compositor, ainda encontrava meio de sorrir satisfeito e honrado com a adopção que do *seu filho* o outro fizera, e nem sombra de inveja ou de ciume, pechas tão vulgares mesmo em grandes espiritos trabalhando identico terreno, annuviava sequer a infinita limpidez d'aquella quasi extra-humana amisade!

Mas, eu não quero abusar da sua condescendencia, querida amiga, contando coisas que muito bem conhece, e apenas para concluir, lembrarei ainda o que esse venerando velho fez por Berlioz e por todos os musicos novos que vinham chegando, e n'elle nunca deixaram de notar uma ampla comprehensão das suas respectivas *maneiras* e um sincero e real desejo de os auxiliar na lucta para conquistarem um nome.

Todas as escolas, todas as innovações, todas as formulas acharam echo favoravel no seu assombroso espirito, e este creador que foi elle

proprio um portador *do novo*, que algumas coisas disse que antes d'elle e mesmo depois d'elle ainda ninguem disse, julgou sempre que o mundo era vasto bastante para n'elle caberem todos á vontade.

Por isso tambem foi amado como poucos, e se nobres e inconfundiveis corações femininos vieram trazer-lhe a oblata de um amor sem reserva e d'um culto que quasi raiou pelo fanatismo, a ponto de elle proprio achar demasiados taes excessos de sentimento e heroicamente se ter em mais de uma emergencia celebre eximido a varios desmandos da paixão, egualmente encontrou no seu caminho essas saudações effusivas e quentes que não iam só ao executante incomparavel e portentoso, ao auctor d'innúmeras paginas que são eternas, porque em si encerram os canones das verdades de hoje e possivelmente os germens das verdades de amanhã; — mas porque o halo de divina e immaterial bondade que o nimbava e o fulgor sidereo que de toda esta se desprendia, a um tempo faziam vêr, junto á pujança de uma imaginação privilegiada e enriquecida com todos os dons da inspiração ideal, o veio nativo d'uma tolerancia, d'uma generosidade, d'uma benevolencia que na terra só a determinados seres é possível attingir.

Eis por que elle vive n'uma especie de atmospheria de encanto e até, por assim dizer, a sua figura cada vez mais claridade irradia, tanto jámais cessou de ser certo, que se vale muito nascer grande, ainda valor mais existe em simultaneamente ser ou ficar bom.

Poucos se vangloriam da primeira, menos da segunda, rarissimos das duas. Liszt foi d'estes, e isso explica o fundo sulco inextinguivel que atravez do tempo e do espaço o seu nome vae deixando.

Affonso Vargas.



Para celebrar o centenario do nascimento de Liszt, organisou o nosso grande pianista Vianna da Motta uma serie de tres concertos no theatro da Republica, dos quaes o primeiro e terceiro exclusivamente dedicados á obra pianistica de Franz Liszt, e o segundo a varios compositores romanticos, contemporaneos do celebre mestre hungaro.

Apenas assistimos aos dois primeiros, visto que o ultimo da série se realiza ainda d'aqui a quatro dias.



Difficilmente se pôde descrever a emoção, o entusiasmo que a reaparição d'este genial artista portuguez produziu no nosso publico. Vianna da Motta, a quem o facto de haver sido discipulo de Liszt prestava n'esta occasião uma singular auctoridade, foi realmente emocionante em muitas das obras que executou e asombroso em todas. Em todas, dizemos; porque se, levados por esta costumeira muito meridional de respigar fraquezas em tudo o que os concertistas nos vem tocar, quizessemos alardear pretensões criticas e *furter* na execução do prestigioso artista qualquer momento de desfallecimento, certamente nos veriamos embaraçados. Não temos senão a applaudil-o e a enumeração das obras que executou bastará para aquilatar o numero de ovações com que foi saudado.

Seria ocioso repetir o primeiro programma, que integralmente publicamos no numero anterior; o segundo constou das seguintes obras:

1.^a PARTE

Sonata em lá bemol, op. 39 ... **Weber**

2.^a PARTE

Ballada em fá menor, op. 52 ...
Duas Mazurkas
Barcarola, op. 60
Polonaise em lá maior op. 40 ...
Capriccio, op. 5 **Mendelssohn**

3.^a PARTE

Estudos sinfonicos em forma de variações, op. 13 **Schumann**

E depois d'esses dois extenuantes programmas, ainda Vianna da Motta tocou para corresponder aos calorosos applausos recebidos, o estudo *Dans les bois* de Liszt, a *Marche des ruines d'Athènes* de Beethoven-Liszt e a *Invitation* de Weber.

No terceiro e ultimo concerto, que será também em *matinée* no proximo domingo, o programma é o seguinte:

1.^a PARTE

Sonata em si menor **Liszt**

2.^a PARTE

Années de Pélerinage **Liszt**

Suissa

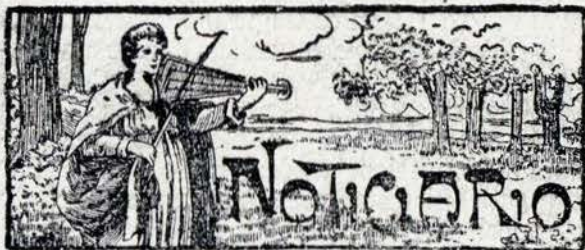
Chapelle de Guillaume Tell
Au lac de Wallenstadt
Au bord d'une source

Italia

Gondoliera (canzone veneziana)
Sposalizio
Jeux d'eaux á la villa d'Este

3.^a PARTE

Legenda: S. Francisco de Paula
 caminhando sobre as ondas... **Liszt**
Chant polonais N.º I **Chopin-Liszt**
Valse-Improptu
Reminiscencias da opera *Norma*. } **Liszt**



PORTUGAL

E' geralmente sabido que Franz Liszt esteve em Portugal em 1845 e deu concertos no theatro de S. Carlos.

O primeiro concerto teve lugar em 23 de janeiro e foi intervallado com trechos de canto pelos principaes artistas da companhia lyrica. Quatro dias depois tocou o grande artista no palacio do conde de Thomar, então presidente do Conselho; a Rossi-Caccia, a Albertini, o Tamberlick e outros cantores completaram o programma.

Em 15 de fevereiro ainda Liszt estava entre nós e tocou em S. Carlos, com João Guilherme Daddi, o dueto de Thalberg sobre a *Norma*.

Afóra esta obra, ignoramos de que tivessem

constado os programmas de Liszt. Os jornaes da época nada nos dizem a tal respeito; a obra de Benevides sobre o theatro de S. Carlos nada nos adianta tambem sobre esse particular. Quanto a obter os programmas impressos, temos que renunciar a esse... capricho: já por que provavelmente se não fizeram, já porque, mesmo que os tivesse havido, seriam hoje peças *introuvables*.

Haverá algum curioso que possua ao menos a nota das obras executadas nos concertos de Liszt? Não seria interessante transcrever aqui esses programmas?

*
**

Consta que a *Sociedade de Musica de Camara* vae dar uma nova feição aos seus concertos. Nos que se vão realizar na presente época e nos que se seguirem, fará uma larga parte á musica vocal e aos solos instrumentaes, sem deixar comtudo de apresentar em cada audição uma ou mais peças de conjuncto, escolhidas entre o melhor repertorio de musica de camara, tanto classica como moderna.

Isto não é bem uma transigencia; os homens que estão á testa da *Sociedade de Musica de Camara* tem mostrado bem durante os doze annos que a sociedade conta, que não sabem transigir em materia d'arte e os 76 programmas dos seus concertos são o documento mais flagrante da firmeza dos seus principios. Mas o virtuosismo, que era o vitello de ouro dos nossos avós, é ainda nos paizes musicalmente semi-barbaros, como é infelizmente o nosso, o ideal da grossa maioria das plateias. Ora dado que os concertos se não inventaram para goso exclusivo dos que tocam, pensou a sociedade que poderá dar lugar, sem quebra de dignidade, a solistas e cantores de reconhecido merito, que serão os primeiros, assim o esperamos, a arredar d'este genero d'audições, pela escolha meticulosa das obras, toda a manifestação de virtuosismo impuro. E chamamos *virtuosismo impuro* á preocupação pessoal de exito em obras de valor nullo.

Alem d'isso, crêmos nós, póde esse regimen considerar-se um *statu quo*, um periodo provisorio, que só se mantenha emquanto a plateia portugueza não accusar melhor orientação e mais artisticas exigencias. E em tal pé, seria para desejar que á experiencia se não outhor-gassem as regalias especiaes a que tem sempre jús na nossa terra as cousas *provisorias*.

Devemos tambem dizer que, lá fóra, os solos d'instrumentos e os trechos de canto não são de modo algum proscriptos dos concertos d'esta natureza. Sempre é uma desculpa, que os puritanos *d'antes quebrar que torcer* tomarão na devida conta.

*
**

Tem estado em Lisboa o illustre pianista portuense, sr. Raymundo de Macedo, que vem á capital assistir aos concertos de Vianna da Motta.

Muito agradecemos a visita feita a esta redacção.

*
**

O interessante e bem documentado trabalho do notavel professor Bernardo Moreira de Sá, sobre os *Compositores inglezes*, tem continuado a publicar-se em folhetins do *Commercio do Porto*.

Nos numeros de 4 e 10 do corrente mez, os ultimos que recebemos, trata o erudito escriptor da liturgia musical anglicana, de certas formas peculiares da arte ingleza, como a *anthem*, antiphona, a *glee*, especie de madrigal, dos virginalistas, etc. etc.

E' uma collecção d'artigos, que merecem ser seriamente estudados.

*
**

Em 4 de dezembro vae realizar-se no salão da *Ilustração Portuguesa* um bello concerto promovido pela sr.^a D. Africa Cabral e por seu irmão, o sr. Aroldo Silva, com o concurso dos professores Pavia de Magalhães (violino) e João Passos (violoncello).

E' excellente o programma. Vemos n'elle entre varias peças cantadas pela illustre promotora do concerto, a *Adelaide* de Beethoven e obras portuguezas de Vianna da Motta e Neuparth; no reportorio pianistico, a cargo do distincto pianista Aroldo, figura uma *Sonata* de Beethoven e peças de Chopin e Chaminade; para o violoncello teremos a *Sonata* op. 45 de Mendelssohn e para o violino duas peças de Saint-Saëns e Rehfeld.

Os bilhetes estão á venda nas casas de musica.

*
**

Os proprietarios do Café Lisbonense contrataram por 3:500\$000 réis para a presente época d'inverno um trio de distinctos artistas— José Bonet, pianista, Efisio Virgilio Anedda, violinista e Juan R. Cassaux, violoncellista.

A estreia foi no domingo, 5 do corrente, com um brilhante programma.

*
**

O nosso illustre collaborador, Alfredo Pinto (Sacavem), foi convidado pelo director do *Mundo Artistico*, sr. Fano, para correspondente em Lisboa d'essa importante revista musical e

dramatica. E' uma distincção que Alfredo Pinto merece por todos os titulos, e um encargo de que saberá desempenhar-se com a hombridade e clareza de vistas, que lhe são habituaes.

*
**

Com a sr.^a D. Maria Adelaide M. Calleya consorciou-se o nosso bom amigo e distincto artista, sr. Victor Amadeu da Cunha e Silva.

Recebam os nubentes os nossos sinceros emboras.

*
**

Já ia para a machina o presente numero, quando recebemos o captivante offercimento de um exemplar da *Dolores*, (2.^a edição), adoravel poemeto de Ribeiro de Carvalho, que quiz ainda enaltecer a dadiva com uma dedicatória gentil.

A obrinha é prefaciada por Abel Botelho, que em meia duzia de paginas lapidares nos descreve as evoluções por que tem passado a poesia moderna, referindo-se muito particularmente aos nossos poetas e dando a Ribeiro de Carvalho um lugar primacial na ala dos novos. Segue-se a *Dolores*, em que o inspirado poeta nos descreve, em versos commovidos e cheios de convicção e de musicalidade, as torturas, o delirio e a morte de uma pobre tistica.

O livro, que é primorosamente editado e intercalado d'illustrações de Alfredo Migueis, merece mais que uma simples referencia: o adiantado da data é que nos não permite por agora mais que esta rapida nota, em que tínhamos a peito consignar o nosso agradecimento pela distincção com que nos honrou o illustre poeta.

ESTRANGEIRO

A «Sociedad Filarmonica Madrileña», cujo elenco para a presente epoca de concertos acaba de nos ser amavelmente remettido pela direcção, escripturou os Quartetos Rosé, de Vienna, Rebner, de Francfort, e Petri, de Dresde, alem dos pianistas Rehberg, Carreras e von Zadora e da cantora Tilly Koenen.

Os concertos começaram ante-hontem, 13, interrompem-se durante o mez de dezembro, e continuam depois até 15 de março.

Entre as novidades d'este cyclo de concertos, conta-se uma serie de obras a dois pianos, que serão executadas por Maria Avani Carreras, a mesma artista que está contractada para o nosso theatro da Republica, e por Michael von Zadora, pianista actualmente muito cotado. As grandes obras a dois pianos raramente se ouvem em concertos; nos programmas que temos presentes figuram o *Concerto* em ré me-

nor, de Bach, *Andante e variações*, de Schumann, *Sonata* em ré maior, de Mozart, *Variações sobre um thema de Haydn*, por Brahms, *Variações*, de Sinding, e *Concerto pathetico* de Liszt.

*
**

Mais um novo systema de notação musical! Este agora é de invenção do professor romano, Emilio Boch, que acaba de publicar um livro com o seguinte titulo: *Il sistema intersiato della musica*. Só sabemos do novo systema que exige uma pauta de 7 linhas dispostas desigualmente.

É estamos n'isto ha 150 annos; mas a notação vae ficando sempre a mesma.

*
**

Pela demissão de Enrico Bossi do logar de director do Lyceu Musical de Bolonha, assumiu essas funcções o eminente pianista Bruno Mugellini.



Por falta d'espaco, não inserimos no numero anterior as poucas palavras d'homenagem, que quieriamos consagrar á memoria de Charles Malherbe, recentemente fallecido em Corneilles (Eure).

Charles Malherbe era o archivista da Opera de Paris e o maior colleccionador de autographos e manuscriptos musicaes que tem existido. Pianista habil e compositor distincto, aproveitou tambem a sua solida instrucção musical para se dedicar a excellentes trabalhos litterarios, que tiveram quasi sempre por objectivo a arte da musica. Ora só, ora em collaboração com Albert Soubies, publicou os seguintes opusculos: *L'œuvre dramatique de Richard Wagner* (1886), *Précis d'une histoire de l'Opéra Comique* (1887), *Notice sur Esclarmonde* (1889), *Notice sur Ascanio* (1890), *Mélanges sur Richard Wagner* (1891), *Histoire de la seconde salle Favart* (1892-1896) e ainda ha bem poucos mezes uma biographia d'Auber. Collaborou tambem em varios jornaes musicaes, o *Ménestrel*, o *Monde Artiste*, a *Revue d'art dramatique* e outros.

Malherbe morreu com 58 annos d'idade.